

**CAPÍTULO 02 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO
COMPONENTE INDÍGENA**

Anexo 9.1 - 16 – PPP da escola do povo Arara

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA DO POVO ARARA

T.I. Arara e T.I. Cachoeira Seca

Maio/Junho de 2015

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. APRESENTAÇÃO..... | 3 |
| 2. BASES LEGAIS | 3 |
| 3. O POVO ARARA E SUAS ALDEIAS..... | 4 |
| 3.1 História do povo da TI Arara | 5 |
| 3.1.1 Percurso da Escola na TI Arara | 8 |
| 3.2 História do povo da TI Cachoeira Seca | 9 |
| 3.2.1 Percurso da escola na TI Cachoeira Seca | 10 |
| 4. PARA QUE QUEREMOS ESCOLA? | 11 |
| 4.1 O que a escola precisa para funcionar bem? | 11 |
| 5. PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR | 13 |
| 7. METODOLOGIA DE ENSINO..... | 13 |
| 8. DIVISÃO DAS TURMAS..... | 13 |
| 9. AVALIAÇÃO..... | 14 |
| 10. CALENDÁRIO | 15 |
| 11. O QUE A ESCOLA VAI ENSINAR?..... | 17 |
| 11.1 PROPOSTA CURRICULAR | 17 |
| • Estudos da linguagem | 17 |
| • Estudos da matemática | 21 |
| • Estudos da sociedade e da natureza (História, geografia, ciências e meio ambiente de forma interdisciplinar) | 22 |
| • Estudos da Saúde | 24 |
| 12. RESPONSABILIDADES DOS DEMAIS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA..... | 25 |
| Coordenação Pedagógica..... | 25 |
| Diretor | 27 |
| Secretaria | 27 |
| Tesoureiro | 27 |
| Merendeira..... | 27 |
| Faxineira | 28 |
| Apoio Operacional..... | 28 |
| Atribuições do Presidente do Conselho Escolar..... | 28 |
| Vice-presidente do Conselho Escolar | 28 |
| 13. REFERÊNCIAS..... | 29 |

1. APRESENTAÇÃO

Este documento foi elaborado a partir de discussões entre os professores indígenas da região do Médio Xingu em duas oficinas de formação continuada promovidas pelas SEMEDs de Altamira e Vitória do Xingu e a partir de discussões entre representantes das comunidades Arara, pais, mães, alunos, lideranças, sábios e professores. Ele serve de base para o acompanhamento da escola e funciona como um plano de fortalecimento do povo.

De modo geral, nós do povo Arara das aldeias Laranjal, Arumbi, Magarapi (TI Arara) e Iriri (TI Cachoeira Seca) percebemos a importância de trazer os conhecimentos tradicionais para os dias atuais. Atualmente, verificamos que os jovens se interessam mais pelas danças dos não-indígenas, por celulares e pela língua portuguesa, por isso, queremos nos fortalecer, incentivar a vivência da nossa cultura para que todos os jovens saibam cantar, dançar, fazer nossas festas e percebam que nossa cultura também é muito importante.

Sabemos que este documento é aberto, assim ele deverá sempre ser atualizado de acordo com as necessidades dos alunos e das comunidades.

2. BASES LEGAIS

A Constituição Federal de 1988 reconhece a existência de culturas e línguas diferentes em nosso país. O artigo 231, afirma que:

“(...) são reconhecidos aos índios a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

O Artigo 210 da constituição apresenta ainda a garantia de uma educação escolar de acordo com a realidade de cada povo: *“o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”*.

Complementando a constituição, o governo cria em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para orientar os programas de formação indígenas que devem visar:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

O calendário próprio é permitido pela Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 3, de 10 de novembro de 1999:

“Art. 4º – As escolas indígenas, respeitados os preceitos constitucionais e legais que fundamentam a sua instituição e normas específicas de funcionamento, editadas pela União e pelos estados, desenvolverão suas atividades de acordo com o proposto nos respectivos projetos pedagógicos e regimentos escolares com as seguintes prerrogativas:

I – organização das atividades escolares, independentemente do ano civil, respeitando o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas;

II – duração diversificada dos períodos escolares, ajustando-as às condições e às especificidades próprias de cada comunidade.

Art. 5º – A formulação do projeto político pedagógico próprio, por escola ou por povo indígena terá por base:

I – as Diretrizes Curriculares Nacionais referentes a cada etapa da Educação Básica;

II – as características próprias das escolas indígenas, em respeito à especificidade étnico-cultural de cada povo ou comunidade;

III – as realidades sócio-linguísticas, em cada situação;

IV – os conteúdos curriculares especificamente indígenas e os modos próprios de constituição do saber e da cultura indígena;

V – a participação da respectiva comunidade ou povo indígena.”

3. O POVO ARARA E SUAS ALDEIAS

O povo Arara vive nas Terras Indígenas (TI) Arara e Cachoeira Seca. Atualmente, existem quatro comunidades: Arara (Laranjal), Magarapi, Arumbi e Iriri. A seguir são apresentadas as histórias das comunidades da TI Arara e da TI Cachoeira Seca, assim como a relação do povo com a educação escolar.

3.1 História do povo da TI Arara

O povo Arara do Pará possui como autodenominação o termo Ugoro'gmo, que quer dizer “nós inclusivo” ou “você e eu coletivizados” (Souza, 2004, p. 7-8).

As primeiras notícias desses Arara datam dos anos de 1850. Em 1853, eles aparecem pela primeira vez em registros oficiais do Pará, nos relatórios do presidente da província do estado, de nome Brusque. No entanto, Souza (2015) coletou dados sobre indivíduos Arara entre os Arara da Terra Indígena Arara que remontam a 1797. Em 1861, um subgrupo Arara fica por dez dias entre seringueiros abaixo da Cachoeira Grande do Iriri. Em 1889 e 1894, eles são perseguidos por seringueiros na região do divisor de águas do Amazonas-Xingu/Iriri. Durante sua expedição ao Xingu, em 1896, Henri Coudreau encontrou uma indígena Arara, de nome Macabaió, de quem coletou dados linguísticos. Nas primeiras décadas do século XX, os Arara chegaram a visitar, em diferentes oportunidades, a cidade de Altamira (Pinto, 1997). Em diferentes momentos, muitos subgrupos Arara tiveram movimentações forçadas em seu amplo território, por ataque de outros grupos indígenas (principalmente Kayapó e Juruna) ou por perseguições de seringueiros, caçadores e colonos.

Esse povo foi considerado extinto por volta da década de 1940, quando não se teve mais notícias a seu respeito. Mas, desde o início dos anos de 1950, gateiros e seringueiros do rio Iriri encontravam acidentalmente os Arara, que até o final da década costumavam aparecer em antigas moradas nas margens do rio (Pinto, 1997).

Em 1961, os Arara chegaram a ser atacados por policiais de Altamira, que perseguiram os indígenas aparentemente para vingar a morte de um animal de estimação de um colono das redondezas. Dois anos depois, em 1963, alguns caçadores de tartaruga que subiam o rio Penetecaua, foram atacados pelos Arara, que derrubam árvores para fechar o canal e emboscar os caçadores. Em 1964, o sertanista Afonso Alves da Cruz percorreu o caminho dos indígenas no Penetecaua: um deles era largo, grande e limpo, como se houvesse o trânsito constante de uma população considerável. Estimou-se o grupo em mais de 300 indivíduos (Pinto, 1997). No entanto, Souza (2015, p. 37) aponta que este caminho possuía largas proporções não devido a intenso trânsito humano, mas por causa do transporte de toco de mogno para tacho de bebida de cipó e casca de jatobá para servir de tapete para danças tradicionais.

Com a construção da rodovia Transamazônica, no início dos anos de 1970, os Arara voltaram a dar sinal de existência no trecho que liga Altamira a Itaituba, pois a estrada atravessou plantações, trilhas e acampamentos de caça tradicionalmente utilizados por eles. A

rodovia separou os subgrupos que formavam a etnia Arara, com suas residências, roças, trilhas de caças e cemitérios, criando uma barreira entre esses subgrupos.



Aldeia Arara do Laranjal nos Anos 80, após o contato e transferência dos indígenas

Depois de mais de uma década de frustradas tentativas de contato, alguns dos subgrupos Arara já afastados uns dos outros começam a ser contatados pela FUNAI no início de 1981. Pelo menos três ou quatro desses subgrupos mantinham contato entre si ao sul da Transamazônica, onde se juntavam para enfrentar a invasão dos não indígenas em suas terras. Outro subgrupo, isolado ao norte por constantes fugas, foi contatado em 1983, já com a ajuda daqueles contatados dois anos antes. Outro subgrupo foi contatado em 1987, residindo bem longe dos demais, afastados desde 1925 dos demais Arara por problemas internos desse povo (Souza, 2004).



Aldeia Laranjal atual

Atualmente, os Arara possuem uma convivência com o mundo exterior. Em 1983, os subgrupos Arara contatados em 1981 e 1983 foram assentados na atual aldeia Laranjal, situada na margem esquerda do rio Iriri, próximo à confluência deste com o Rio Xingu. Essa aldeia está situada na Terra Indígena Arara, que possui uma superfície de 274.010 hectares, pertencente ao município de Altamira, Brasil Novo, Medicilândia e Uruará. As coordenadas

das aldeias Laranjal, Arumbi e Magarapi são: Latitude 03° 51', longitude 52° 51'; Latitude 03° 50', longitude 52° 45'; Latitude 03° 49', longitude 52° 41', respectivamente. A distância de Altamira para a aldeia Laranjal é de: 98,7 Km em linha reta; o meio de transporte para se chegar a esta aldeia e demais aldeias da T.I. Arara é fluvial; não há pista de pouso em nenhum desses aldeamentos.

A vitalidade linguística do povo Arara da T.I. Arara ainda é forte. Porém, há indícios de enfraquecimento, pois algumas crianças, abaixo de 13 anos, já não sustentam conversações em língua Arara com os anciãos locais, uma vez que falam entre si principalmente a língua portuguesa.

O censo das aldeias Laranjal, Arumbi e Magarapi, aponta para uma população de pessoas 300, distribuídas da seguinte maneira:

- Laranjal: 242 indivíduos;
- Arumbi: 38 indivíduos;
- Magarapi: 20 indivíduos.

A infraestrutura da comunidade Laranjal está disposta da seguinte maneira: 36 casas de madeira habitadas pelas famílias desta comunidade, 01 casa sede-FUNAI, 01 posto de saúde-DSEI, uma fonte de energia (gerador), 01 radioamador comunitário, duas casas para fabricação de farinha, um casa do pátio central, uma igreja, duas casas de missionários, dois complexos de aquisição de água, com poço e caixa d'água, 01 sala de leitura, 01 escola com duas salas de aulas e uma secretaria, sendo que a mesma sedia o polo Iriri de educação. Os profissionais que atuam na aldeia Laranjal são: 01 diretor, 01 coordenador pedagógico, 01 secretaria, 01 professor do programa federal Mais Educação, 05 professores (SEMED), 01 técnico de enfermagem (FUNASA) e 04 linguistas-missionários.

Na aldeia Arumbi, há a seguinte infraestrutura: 07 casas residenciais, 01 pequena sala de aula, 01 rádio amador, sem fonte de água potável. A técnica de enfermagem da aldeia Laranjal faz os atendimentos de saúde dessa aldeia.

Na aldeia Magarapi, há a seguinte infraestrutura: 04 casas residenciais, sem fonte de água potável. A técnica de enfermagem da aldeia Laranjal faz os atendimentos de saúde dessa aldeia.

A situação fundiária da T.I. Arara é a seguinte: foi demarcada em 1990 e homologada em 1991, através do Dec. No. 399, de 24/12/91. Ao norte, faz fronteira com a rodovia Transamazônica, do Km 120 até o Km 143; ao sul, faz fronteira com o rio Iriri.

3.1.1 Percurso da Escola na TI Arara

A maioria dos indígenas considera a educação escolar uma intrusão necessária, em face do contexto de interação que passaram a manter com a sociedade não indígena, sendo uma reivindicação deles a implantação de escola em suas aldeias.

No caso dos Arara da T.I. Arara, com o passar dos anos após seu contato com a FUNAI, intensificaram relacionamentos com pessoas e instituições em Altamira, por vários motivos, incluindo tratamento de saúde, reuniões de cunhos diversos, comercialização de seus produtos e aquisição de produtos industrializados, recebimento de benefícios, como aposentadoria, bolsa família, salário maternidade e outros. Como resultado de tudo isso, aprenderam a manusear dinheiro, sendo que alguns hoje são funcionários públicos, nas funções de Agente Indígena de Saúde-AIS, Agente Indígena de Saneamento-AISAN, docente, vigilante, servente e merendeira.

Frente a tudo isso, os Arara tiveram sua curiosidade despertada para o funcionamento da engrenagem da sociedade não indígena. Como consequência, intensificaram indagações que já vinham fazendo, à medida que, aos poucos dominavam a língua portuguesa. Uma das reações da FUNAI foi discutir com eles o início de um programa escolar na aldeia Laranjal. Dessa forma, em 1987, essa instituição designou uma professora para iniciar esforço no sentido de começar uma escola na aldeia Laranjal. As atividades eram oferecidas na língua portuguesa, de pouco domínio por parte dos discentes daquela época. Nesse ano de 1987, o linguista missionário Isaac de Souza visitou pela primeira vez essa Aldeia (Laranjal). Em sua análise da situação, considerou um pouco prematura a implantação do projeto escolar, por causa da ausência de uma programação mais sistematizada, principalmente no que diz respeito a não inclusão do idioma Arara na escola. Contudo, reconheceu que a comunidade Arara do PV-1, com a qual iniciou contatos em novembro de 1982, também iria solicitar logo uma educação escolar em sua aldeia, para fins de isonomia com o segmento da aldeia Laranjal. Os Arara que estavam no PV-1 sugeriram que as aulas iniciais fossem em sua língua indígena e depois na língua do Karei (não-indígena). Assim, as aulas começaram ser ministradas, em 1988, sobre a copa de uma enorme árvore (mangueira), com os aprendizes sentados em redes (mais tarde, um membro do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), então coordenados da educação indígena em Altamira, providenciou carteiras para o PV-1).

Apesar da simplicidade física, muitos Arara foram alfabetizados neste contexto. Essa iniciativa finalizou-se em 1993, por que esse segmento populacional retornou, em 1994 para morar na aldeia Laranjal. Por essa época, as missionárias do CIMI, contratadas pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), haviam ocupado o espaço de docente deixado vacante, já algum tempo, pela professora da FUNAI.

Mais tarde, a SEMED passou a gerir a direção da Escola Arara da aldeia Laranjal, que hoje recebe o nome de Escola Municipal de Ensino Fundamental Maeta Arara.

De acordo com Souza (2015), Arara Maeta foi um homem que nasceu por volta de 1857, sendo um guerreiro aguerrido, conhecido pela excelente pontaria no manejo do arco e flecha, tendo matado inimigos ferozes. É lembrado com grande respeito pelos Arara da T.I. Arara.

3.2 História do povo da TI Cachoeira Seca

Nós da aldeia Iriri passamos muito tempo fugindo com medo dos não indígenas. Nossas criações de juriti, nossas roças tinham que ser abandonadas porque os brancos nos perseguiram. Os chefes dos homens eram o Ugontamuru e a Tjana. Nossa matriarca era a Tjibie, uma mulher muito forte que sabia fazer todas as coisas que o homem também faz, ela também era chefe das mulheres.

Em determinado período houve uma briga com os Awytyka (Kayapó), porque alguém deste grupo matou uma mulher Arara. O filho dessa mulher viu o Kayapó que estava matando sua mãe e o flechou. Em nossa trajetória também lembramos que o Kowit foi morto pelos não indígenas por ter roubado alimento. Isto aconteceu do outro lado do Karo'gry. À noite, oguantubo (alma do Kowit) veio perguntar para um de nós aonde estava o irmão (que tinha morrido): Yntja menibe'g obit. Parecia que era uma pessoa, mas era oguantubo.

Em 1987, fomos atraídos pela frente de atração e nós passamos a morar definitivamente na beira do rio Tobromem (Iriri). Passamos por vários rios até chegar aqui onde moramos hoje. Esta morada já estava aberta pelos seringueiros e gateiros quando chegamos. Antes de chegarmos aqui, morávamos na beira do rio Karo'gry onde havia muito podat (Cari) e pagiumo (Tambaki). Não temos Pagiumo no Iriri. No caminho passamos por um rio chamado Kara rumpo. Este rio era muito grande, cheio cachoeira e as aves não conseguiam atravessar porque era muito largo. Elas morriam antes de chegar à outra margem.

No nosso jeito tradicional de ensinar e aprender, os homens mais velhos ensinavam os meninos mais novos sobre como era a vida, sobre caça, tocaia, assobio, piktu (bebida fermentada) e começavam a levar os filhos para caçar. No caso das mulheres, as mais velhas

ensinavam as meninas a fazer oduat (rede), tjinkure (flauta), uanko (chocalho), a fazer abat (tapioca), ralar mandioca e batata para fazer amuru (bebida), ensinavam a fazer moqueado e tudo que era necessário para viver.

Nos momentos de festa, as mulheres ficavam em casa, tomando amuru e cantando. Na chegada dos maridos, cada esposa esperava com karato (cabaça) e tyntyum (taboca para colocar bebida) para oferecer a bebida para os seus maridos, pois eles chegavam cansados. Os homens chegavam carregados de caça. Hoje em dia percebemos que jovens não se interessam mais pelas nossas festas e queremos fortalecer nossos costumes. Notamos também que deixamos nossa comida e bebida tradicionais porque no início do contato éramos muito criticados pelos funcionários da FUNAI. No olhar deles, que não entendiam a nossa cultura, nossa bebida não era boa porque causava vômitos, e nossa comida não era boa porque a causava doenças como diarreia, dor de barriga.

3.2.1 Percurso da escola na TI Cachoeira Seca

Começamos a estudar com a professora Dirce. Ela era técnica de enfermagem e, após fazer suas atividades na farmácia, nos dava aulas. Ainda não havia um prédio, por isso fizemos uma escola de palha e fazíamos giz de barro para que ela pudesse escrever as letras e a gente copiar. Ela nos dava caderno, lápis e borracha, comprados com seu próprio dinheiro. Essa escola ficou lotada, por isso começamos a ter aula em baixo de uma mangueira. Depois, chegou o padre Diego com quem a Dirce conversou sobre a escola. O padre, então, nos convidou a construir uma escola e nós aceitamos. Ele conseguiu recursos e construiu uma escola de madeira com cobertura de palha. Junto com o padre vieram os professores do CIMI: Sheila, Telma, Lusiana, Marcos e Mason. Esta escola funcionou por cerca de cinco anos até que a FUNAI convidou os professores a se retirarem da aldeia porque estavam ensinando religião, se envolvendo com pessoas da comunidade e incentivando o retorno das bebidas e das comidas tradicionais.

Após esse período, a ex-prefeita de Altamira Odileida Sampaio nos visitou e perguntou se nós queríamos escola. Assim, chegou à aldeia a primeira escola oficial do município onde temos aula até hoje. Nossas primeiras professoras nessa escola foram Oleandra, Michele e Marilene que ensinavam as séries do fundamental menor.

4. PARA QUE QUEREMOS ESCOLA?

Nós do Povo Arara queremos uma escola que favoreça a nossa autonomia, nos fortaleça na luta pelos nossos direitos e na defesa do nosso território. Achamos que a escola deve ensinar os dois tipos de conhecimento:

1- Conhecimentos do não indígena, como: a língua portuguesa nas suas modalidades coloquial e formal para sabermos falar com as autoridades; as leis importantes para a nossa defesa e as leis importantes para os não indígenas para que possamos respeitá-las; os documentos (relatório, ofícios, abaixo-assinados, atas de reunião etc.) e as diferenças entre eles; também são importantes os conhecimentos que levem os alunos a uma atuação mais engajada nos projetos da comunidade e a uma atuação política mais eficiente.

2- Conhecimentos que fortaleçam a nossa identidade, como: a nossa língua, as danças, as histórias, os artesanatos, as armas (*pyrom, topkak, Iego* etc), as flautas (*pududu* etc); a localização dos cemitérios para ajudar a demarcar o nosso território e tudo que é necessário para vivermos.

4.1 O que a escola precisa para funcionar bem?

- * estar regularizada como escola indígena (com o próprio nome indígena da escola);
- * ser autônoma do ponto de vista pedagógico e administrativo (coordenadores pedagógicos, diretores, etc.);
- * mais professores indígenas qualificados;
- * escolas construídas e professores indígenas em número suficiente para atender todas as aldeias;
- * Quadra esportiva e área de lazer;
- * Material esportivo;
- * Voadeira 10,40 mts com motor 60HP, volante, bancos e toldo;
- *Ter assistência técnica e combustível para a voadeira e demais equipamentos;
- * formação continuada para professores e merendeiras;

- * acompanhamento pedagógico para os professores;
- * materiais didáticos e para-didáticos específicos e de qualidade;
- * materiais escolares para todos os alunos e para suporte do trabalho do professor;
- * calendário escolar adequado ao calendário tradicional do povo;
- * prédio escolar adequado de acordo com as necessidades da aldeia;
- * merenda escolar específica e de qualidade (regionalizada);
- * transporte da merenda até a aldeia;
- * equipamentos necessários para as práticas pedagógicas: computadores, internet, filmadoras, gravadores, televisão, DVD, data-show, tela de proteção, impressora, móveis (mesas, cadeiras, arquivos, armários, etc.), energia própria, geladeira, freezer, materiais de secretaria (grampeador, perfurador, guilhotina, etc.), rádio de comunicação, quadro negro, quadro branco;
- * Manutenção dos equipamentos eletrônicos;
- * Notebook para uso do professor (com autorização da comunidade);
- * Roçadeira, enxada, ancinho, carrinho de mão;
- * transporte escolar (barco, carro, etc.) e combustível (para alunos e professores no cotidiano e para professores nas formações, reuniões, etc);
- *Ter piloto indígena para o transporte escolar;
- * os professores precisam ter carteira assinada e uma remuneração condizente com sua categoria (concurso da prefeitura com edital para os professores indígenas);
- * para que o trabalho do professor possa sempre melhorar, inclusive como pesquisador indígena, é necessário apoio dos sabedores e especialistas de cada povo, e também de assessoria de especialistas não indígenas (antropólogos, linguistas, pedagogos, arqueólogos, matemáticos, etc.);
- * Monitor indígena;
- *Ter uniforme para os alunos, para o corpo docente e para os funcionários.

5. PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

A comunidade também deve contribuir para o bom funcionamento da escola ajudando na manutenção do prédio, dos materiais didáticos e dos equipamentos. Além disso, deve ajudar a limpar o mato ao redor da escola.

Os pais devem orientar os filhos a participarem das atividades da escola, a cuidarem do prédio e dos materiais. Devem participar das reuniões ou outras atividades práticas sempre que o professor solicitar e ensinar os conhecimentos tradicionais aos seus filhos.

O professor deve planejar bem suas aulas, participar da vida da comunidade (caçando, pescando, se divertindo etc), continuar sua formação (fazendo cursos, oficinas, licenciatura intercultural etc), respeitar os alunos e a comunidade, repassar as informações importantes sobre os não-indígenas para a comunidade e cumprir carga horária.

7. METODOLOGIA DE ENSINO

Nossa escola utilizará várias formas de ensinar-aprender como aulas teóricas na sala de aula onde serão realizados trabalhos individuais e em grupo; aulas práticas na roça, na pescaria ou no rio com o acompanhamento do professor, dos pais ou de outras pessoas da comunidade; aulas por pesquisa com os mais velhos, com a família e pesquisa bibliográfica; e aulas por projetos.

8. DIVISÃO DAS TURMAS

Acreditamos que o modelo de divisão de turmas em ciclos é o mais adequado para nossa realidade, pois evita turmas multisseriadas. Nossas turmas serão divididas em 6 ciclos, conforme o quadro a seguir. A idade aproximada com que a criança entrará em cada período de estudo é apresentada entre parênteses.

| | |
|-----------------|--|
| 1º Ciclo | 2 anos letivos totalizando 1.600 horas (aprox. 4 anos de idade) |
| 2º Ciclo | 3 anos letivos totalizando 2.400 horas (aprox. 6 anos de idade) |
| 3º Ciclo | 2 anos letivos totalizando 1.600 horas (aprox. 9 anos de idade) |
| 4º Ciclo | 2 anos letivos totalizando 1.600 horas (aprox. 11 anos de idade) |
| 5º Ciclo | 2 anos letivos totalizando 1.600 horas (aprox. 13 anos de idade) |
| 6º Ciclo | equivalente ao ensino médio ou magistério |

Observações:

De dois em dois meses, o professor escreve neste espaço quais os principais trabalhos e conteúdos trabalhados, a forma de participação do aluno, atitudes, comportamentos, seus interesses, suas dificuldades e facilidades. No caso de dificuldades, indica quais assuntos devem ser retomados e reforçados.

Os pais também participarão das avaliações. O pai ou a mãe informará ao professor como a criança desenvolveu as atividades práticas que envolvem fazer roça, pescar, caçar etc. Os pais podem falar com o professor de forma individual ou nas reuniões que este convocará sempre que necessário.

Os resultados das avaliações, feitas nos diários de classe, serão repassados às secretarias de educação em forma de conceitos:

| |
|-------------|
| R = regular |
| B = bom |
| O = ótimo |

A frequência mínima será de 70% por ano.

10. CALENDÁRIO

O povo Arara lida com o tempo de acordo com as principais épocas para a caçada, pesca, coleta de frutas, limpeza-plantio da roça e festas. Nossos dias letivos serão divididos em 150 dias de aulas em sala e 50 dias de aulas práticas, totalizando os 200 dias letivos por ano.

Hoje temos a divisão do tempo em meses, mas, no nosso jeito tradicional, o tempo é dividido em fases cíclicas:

- *Inmenandam*: Período de muitas chuvas e rio cheio. É o momento da colheita de onat, waratji, waratjium e da coleta de toromo. Ocorre a festa dos animais: tatu, paca, macaco etc (a caça está gorda). Quase no final desta fase saímos para procurar a roça.

Durante esta fase nossas aulas serão realizadas principalmente em sala de aula.

- *Abetkenandam*: Período em que as chuvas já começam a diminuir. Saímos para pescar e procurar roça. Há muita fruta, batata, cará, mandioca e muitas festas (do Iei Pari, abaiana, arun).
- *Iromu*: As chuvas já pararam e o rio está baixo. Saímos bastante para pescar cari, pegar tracajá (e também ovos), para brocar a roça, preparar flechas etc.

- *Inmetkenandam*: Período em que as chuvas reiniciam e vamos cuidar da roça, de pesca e de flecha. É bom de rastrear caça, anta, tatu, jaboti, porcão.

Nestas fases realizaremos principalmente as aulas práticas.

As aulas do calendário escolar se ajustarão às nuances culturais do povo, que envolvem rituais como a reclusão feminina, que consiste na permanência da jovem em seu domicílio, tendo a mesma que praticar restrições alimentares por causa de sua menarca. Há também o ritual de passagem das ferradas de tucandeiras o qual é praticado a partir de certa idade para que os infantes fiquem resistentes às dores físicas. Há ainda os vários festivais, que envolvem atividades de caça, fabricação de bebida fermentada a partir de tubérculos e coleta de um tipo de champagne extraído do palmito do inajazeiro.

Para facilitar o entendimento do nosso calendário pelos não indígenas, também adicionamos as atividades de acordo com a divisão em meses.



Janeiro: colheita do milho, abóbora, cará etc;

Fevereiro: Colheita da castanha do Pará, cacau do mato, ingá, bacaba e sementes para artesanatos;

Março: caça do jabuti;

Abril: Festa tradicional;

Maio: broca da roça, época de caças gordas;
Junho: caças gordas, colheita do açaí e colheita das sementes de mogno;
Julho: preparo para a roça, plantio, colheita do açaí, do mogno;
Agosto: mês das praias, colheita dos ovos de tracajá, término das sementes de mogno;
Setembro: queimada das roças, limpeza geral da comunidade;
Outubro: início do plantio de mandioca, macaxeira, batata doce etc.
Novembro: manutenção das roças e limpeza dos plantios.
Dezembro: colheita do *orot* (cajuí).

11. O QUE A ESCOLA VAI ENSINAR?

Para nós, a escola deve ensinar conteúdos indispensáveis para fortalecer nossas tradições. Os conhecimentos tradicionais serão transmitidos pela comunidade e também pela escola. Quanto aos conteúdos não tradicionais, seguiremos os conhecimentos sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Escolar Indígena, do MEC, mas esses conhecimentos devem fazer sentido na vida da comunidade.

Nossa alfabetização/letramento será primeiro na língua materna, a criança vai aprender a ler e a escrever em Arara (língua materna) e depois em Português (segunda língua).

11.1 PROPOSTA CURRICULAR

Os conteúdos curriculares foram organizados em grandes áreas de conhecimento: Estudos da Linguagem, Estudos da matemática, Estudos da Saúde e Estudos da Sociedade e da Natureza (História, geografia, ciências e meio ambiente de forma interdisciplinar).

- **Estudos da linguagem**

PRIMEIRO CICLO (4 a 5 anos de idade)

Decidimos que a alfabetização será primeiro na língua materna, então, neste primeiro ciclo, o ensino será apenas na língua Arara. A língua portuguesa será ensinada a partir do segundo ciclo.

Língua Arara

Treinar coordenação motora
Reconhecer e escrever as letras do alfabeto Arara
Começar a ouvir nossas histórias tradicionais
Saber se expressar oralmente
Reconhecer seu nome
Saber algumas músicas e danças
Pintar, cobrir, colorir, corte-colagem
Começar a conhecer as pinturas corporais
Reconhecer as cores
Reconhecer as formas
Brincar com instrumentos musicais (egy, uanko)

SEGUNDO CICLO (6 a 8 anos de idade)

Língua Arara

Conhecer as diferenças entre a fala e a escrita
Saber o alfabeto Arara e as regras ortográficas
Ler e escrever as sílabas e formar palavras
Identificar letras maiúsculas e minúsculas e saber seu uso
Ler, entender, falar e escrever na língua materna
Saber se expressar oralmente
Conhecer os frutos comestíveis
Saber algumas regras das danças
Saber pescar, remar
Conhecer os perigos da natureza (tucandeira, cobra, cachoeira)
Conhecer alguns donos dos produtos da roça (nabiot jodo), da mata (riten), do rio (paru odo: kanto), dono dos bichos (wo'go odo) etc
Conhecer as pinturas corporais (pintura de fortalecimento dos novos casais, pintura da festa/cotidiano, de guerra, pintura de homem e de mulher, pintura para fortalecer as pernas e outras)
Saber contar histórias tradicionais
Pesquisar novas palavras com os mais velhos (aumentar o vocabulário)
Fazer artesanatos (Mye, kuri, porido, pyrom, aga, oduat, uon'gedep, etc)
Conhecer e saber fazer as pinturas corporais

Começar a fazer e usar os instrumentos musicais (diferentes tipos de flauta)

Língua Portuguesa

Conhecer as diferenças entre a fala e a escrita

Conhecer o alfabeto da língua portuguesa

Conhecer regras ortográficas

Ler, entender, falar e escrever a língua portuguesa

Saber se expressar oralmente

Formar sílabas e escrever palavras simples

Escrever pequenos textos (bilhetes, cartas, receitas de abat, de amuru etc)

Noções de informática

TERCEIRO CICLO (9 a 10 anos de idade)

Língua Arara

Reconhecer os tipos de fala, as diferenças entre os modos de falar dos mais novos e dos mais idosos

Continuar o estudo das regras ortográficas

Ler, escrever e interpretar pequenos textos

Saber algumas músicas e danças

Caçar, pescar (junto com os pais)

Saber fazer pequenas cartas para os parentes informando sobre a aldeia, sobre a cidade etc.

Saber nossas rezas orientadas de acordo com a lua que ajudam as mulheres grávidas, as pessoas que estão doentes e ajudam a fortalecer o crescimento dos produtos da roça

Saber se orientar de acordo com a natureza (de acordo com Sol, a lua, as árvores etc.)

Língua Portuguesa

Continuar o estudo das regras ortográficas

Conhecer os sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto exclamação, ponto e vírgula, vírgula, travessão, dois pontos, aspas)

Conhecer as regras de acentuação (acento agudo, acento circunflexo, acento grave, til)

Ler, escrever, entender textos (diferentes gêneros textuais)

Saber usar o dicionário

Conhecer e usar os pronomes pessoais

Fazer radiograma

Informática básica

QUARTO CICLO (11 a 12 anos de idade)

Língua Arara

Saber ler, escrever e entender textos em Arara

Saber se expressar oralmente (contar histórias na língua, saber cantar, saber contar uma notícia)

Conhecer os tipos de abelha

Conhecer os tipos de cipós, os não venenosos (Kinat, epaum mit, mobe mit, kyderai mit, ua'gua mit etc) e os venenosos (rumun, kobyn, parampara)

Conhecer e saber andar no mato (com os pais)

Conhecer as regras da reclusão (pumie, ugon)

Saber fazer flechas

Saber as etapas de plantio da roça (procura do local, broca, plantio, colheita)

Conhecer os significados das músicas e das festas, saber quais músicas pertencem a cada festa etc.

Língua Portuguesa

Conhecer regras gramaticais (com especial atenção para a construção do texto, regras de concordância singular/plural e masculino/feminino)

Noções de coesão e coerência

Ler, escrever, entender textos mais longos (diferentes gêneros textuais)

Saber usar o dicionário

Informática avançada

QUINTO CICLO (13 a 14 anos de idade)

Língua Arara

Ler e escrever histórias mais longas

Saber os cantos

Saber as histórias

Conhecer os cantos dos pássaros para pedir que eles nos deem sorte na caçada

Conhecer os cantos que não dão sorte, os que indicam morte ou acidente

Continuar a pesquisa sobre os significados das músicas e das festas

Língua Portuguesa

Continuar o estudo sobre as regras gramaticais (com especial atenção para a construção do texto, regras de concordância singular/plural e masculino/feminino)

Ler e interpretar textos mais longos

Saber escrever e contar sobre reuniões e notícias em língua portuguesa

Introduzir as leis sobre o indígena (direitos e deveres)

Escrever, ler e compreender alguns documentos oficiais.

- **Estudos da matemática**

PRIMEIRO CICLO (4 a 5 anos de idade)

Reconhecer os números

Reconhecer quantidades

SEGUNDO CICLO (6 a 8 anos de idade)

Contar e escrever os números

Conhecer a tabuada

Fazer operações básicas: adição, subtração, divisão e multiplicação

Resolver problemas do cotidiano da aldeia utilizando as quatro operações

Conhecer relações de espaço (dentro/fora; acima/ em baixo)

Conhecer relações de dimensão (alto/baixo, grosso/fino, grande/pequeno)

Receber noções de tempo tradicional (orientação pela lua, pelo sol)

Receber noções de tempo não-indígena (dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos)

Aprender as horas (segundos, minutos etc)

Primeiras noções sobre unidades monetárias (o valor do dinheiro, notas e moedas)

TERCEIRO CICLO (9 a 10 anos de idade)

Calcular medidas de peso no dia-a-dia da comunidade (Quilo, gramas)

Conhecer as unidades monetárias (notas, moedas) para saber vender, comprar e dar troco.

Continuar o estudo das operações básicas: adição, subtração, divisão e multiplicação

Resolver problemas do cotidiano da aldeia utilizando as quatro operações

QUARTO CICLO (11 a 12 anos de idade)

Continuar o estudo da tabuada

Continuar o estudo das operações básicas: adição, subtração, divisão e multiplicação aplicadas ao dia-a-dia.

Continuar o estudo das noções de tempo não-indígena (dias, semanas, meses, anos, décadas, séculos)

Continuar o estudo das horas (segundos, minutos etc)

Pesquisa sobre o uso tradicional da matemática (por exemplo, saber a quantidade de kubi necessária para matar peixe e a quantidade de peixe que morre, saber os números de talas para fazer um cesto, saber noções de distância – ibak, ibak pyra - e quantidade - tarik, tagie, torek potkun, saber os produtos utilizados para medidas – iedat, mu'gnat, omiat, pugu'go bok tuktut)

QUINTO CICLO (13 a 14 anos de idade)

Saber a tabuada

Diferenciar os sistemas numéricos (números cardinais, ordinais, algarismos romanos)

Entender problemas de lógica

Estudar noções de química

Estudar noções de física

Aprofundar o estudo das operações básicas (adição, subtração, divisão e multiplicação) para ajudar as vendas e as compras

Continuar o estudo das dimensões de terra, de rio.

Regras de três

- **Estudos da sociedade e da natureza (História, geografia, ciências e meio ambiente de forma interdisciplinar)**

SEGUNDO CICLO (6 a 8 anos de idade)

Conhecer os lugares da aldeia

Conhecer os tipos de plantas

Conhecer as partes do corpo

Receber orientações sobre formas de respeitar as pessoas sejam da mesma idade ou mais velhos para evitar preconceitos

Conhecer a história do povo

Saber fazer o mapa da aldeia

Primeiras orientações sobre a legislação: a Constituição Brasileira, direitos humanos e direitos indígenas.

Saber sobre os locais de recursos naturais (toromo, uambiat, tomere, taukara, oramku, tomela)

Começar a saber os limites do território

TERCEIRO CICLO (9 a 10 anos de idade)

Aprofundar a pesquisa das histórias do povo

Conhecer a história dos povos indígenas

Continuar o estudo sobre a legislação: a Constituição Brasileira, direitos humanos e direitos indígenas

Conhecer o entorno da aldeia (rios, igarapés, área de pesca, área de caça)

Aprofundar o conhecimento sobre os locais de recursos naturais (toromo, uambiat, tomere, taukara, oramku, tomela)

QUARTO CICLO (11 a 12 anos de idade)

Começar a conhecer os limites do território

Saber fazer o mapa dos limites do território

Saber as ameaças ao território

Conhecer sobre a história do Brasil

Pesquisar histórias do povo com idosos

Conhecer a história dos povos indígenas

Conhecer a localização do território e do Estado do Pará

Conhecer o mapa do Brasil

Continuar o estudo das noções de legislação indígena: a Constituição Brasileira, direitos humanos e direitos indígenas.

QUINTO CICLO (13 a 14 anos de idade)

Estudar os fenômenos da natureza (chuvas, raios, trovões, clima, piracema)

Estudar as estações (características, alimentação de cada estação)

Estudar a produção local e regional

Pesquisar sobre as lutas do povo da aldeia (Posto de Saúde, Escola, a demarcação, a formação de professores indígenas, e a organização social da comunidade)

Conhecer as características do espaço geográfico das regiões brasileiras (hidrografia e relevo)

Estudar o sistema solar

Estudo dos continentes do mundo

Noções de Geopolítica

Noções referentes à globalização econômica

Estudar e conhecer sistemas de governo e produção

Trabalhar noções de antropologia e sociologia

Conhecer os direitos do professor, do AÍSAN, do AÍE e os direitos dos não indígenas

- **Estudos da Saúde**

SEGUNDO CICLO (6 a 8 anos de idade)

Conhecer os tipos de alimentos da roça, da pesca, da mata

Receber orientações sobre alguns remédios tradicionais

Receber primeiras orientações sobre os perigos de tomar remédios industrializados sem estar doente

Primeiras orientações sobre os alimentos industrializados (perigos de se comer muito açúcar, óleo, café, refrigerantes e doces)

Primeiras orientações sobre higiene pessoal e alimentar

Primeiras orientações sobre alcoolismo, tabagismo e outras drogas.

Primeiras orientações sobre os problemas de saúde causados pela ingestão ou inalação de álcool (da farmácia, da escola) e gasolina.

TERCEIRO CICLO (9 a 10 anos de idade)

Conhecer as doenças sexualmente transmissíveis DSTs (AIDS, Sífilis, gonorréia etc) e saber como evitá-las

Continuar o estudo sobre os tipos de alimentos da roça, da pesca, da mata

Continuar as orientações sobre remédios tradicionais

Continuar as orientações sobre os perigos de tomar remédios industrializados sem estar doente

Continuar as orientações sobre os alimentos industrializados (perigos de se comer muito açúcar, óleo, café, refrigerantes e doces)

Continuar as orientações sobre higiene pessoal e alimentar

Continuar as orientações sobre alcoolismo, tabagismo e outras drogas.

Continuar orientações sobre os problemas de saúde causados pela ingestão ou inalação de álcool (da farmácia, da escola) e gasolina.

QUARTO CICLO (11 a 12 anos de idade)

Conhecer doenças sexualmente transmissíveis DSTs (AIDS, Sífilis, gonorréia etc) e saber como evitá-las

Conhecer os remédios tradicionais

Estudar as doenças mais comuns da região, o modo de transmissão e como evitá-las.

QUINTO CICLO (13 a 14 anos de idade)

Conhecer os padrões alimentares (da menina moça, dos adultos, do resguardo)

Conhecer as partes do corpo e suas funções

Saúde alimentar (saber as principais doenças causadas pela alimentação como diabetes, colesterol, vermes, diarreia, obesidade e como evitá-las);

Educação ambiental (conhecer os tipos de lixo, os biodegradáveis e os não biodegradáveis, conhecer o lixo da farmácia, saber como descartar o lixo adequadamente).

12. RESPONSABILIDADES DOS DEMAIS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA

Coordenação Pedagógica

Participar de cursos de formação continuada e compartilhar seus conteúdos junto aos professores da Unidade de Ensino.

Manter-se constantemente atualizada sobre técnicas, dinâmicas de ensino e legislação educacional.

Promover a capacitação em serviço do corpo docente.

Coordenar os trabalhos dos professores, fornecendo orientações técnico-pedagógicas, objetivando a melhoria da qualidade do processo ensino aprendizagem.

Desenvolver e acompanhar atividades integradas com todos os serviços existentes na escola, para garantir a eficácia do processo ensino aprendizagem.

Cooperar em atividades escolares que objetivem a eficiência do processo educativo e a integração aluno, professor, família e comunidade.

Elaborar diretrizes e acompanhar a execução de um plano de orientação para o trabalho com os alunos que apresentarem baixo rendimento escolar.

Participar do processo de adaptação curricular.

Elaborar e aplicar testes Classificatórios em conjunto com os professores no início do ano letivo, quando se tratar de aluno oriundo de escola não autorizada ou não reconhecida.

Orientar o professor no preenchimento dos acompanhamentos pedagógicos.

Acompanhar os registros de informações nos diários de classe.

Garantir a fidedignidade e a permanente atualização dos dados.

Ser o elo entre a escola e a Secretaria de Educação no processo de implementação da Política Educacional do Município.

Coordenar o processo de construção, execução e avaliação do Projeto Político Pedagógico da Unidade de Ensino garantido a participação efetiva dos membros da comunidade escolar.

Responsabiliza-se juntamente com diretor e professores pelo cumprimento da Proposta Pedagógica, resultados e alcance das metas da escola e do município.

Coordenar, acompanhar e avaliar os planejamentos das atividades didático-pedagógicas da escola.

Realizar reuniões pedagógicas com os professores para planejamento e replanejamento das ações sempre que se fizer necessário.

Realizar reuniões com os professores semanalmente, ajudando os mesmos nos planos de aulas.

Informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos.

Visitar as turmas semanalmente para acompanhar o desempenho acadêmico dos alunos.

Participar das reuniões dos coordenadores realizadas pela Secretaria de Educação.

Participar de formações junto aos professores.

Analisar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que necessitarem de acompanhamento especializado.

Acompanhar o desempenho dos discentes, por turmas, mediante Avaliação Diagnóstica.

Manter-se atualizado sobre técnicas e dinâmicas de ensino.

Participar junto com os professores da escolha dos livros didáticos a serem utilizados em sala de aula.

Estimular a pontualidade dos professores e alunos.

Articular e colaborar na elaboração do plano de atividades curriculares da escola.

Organizar e manter sob a sua responsabilidade a documentação pertinente a sua área, bem como apresentar, a quem de direito, o relatório anual do trabalho.

Garantir o cumprimento do calendário escolar conforme legislação em vigor.

Estimular a assiduidade e pontualidade de professores e alunos.

Participar, obrigatoriamente, dos Conselhos de Classe e de outros Órgãos Colegiados.

Exercer as demais atividades inerentes à função.

Diretor

Cabe à direção da escola coordenar, acompanhar e assessorar a operacionalização do processo educativo da escola, respeitando as especificidades da educação indígena, tomando providências para soluções dos ajustamentos que se fizerem necessários.

Secretaria

Elaborar todas as correspondências e documentação, como atas, cartas, ofícios, boletins, convocações.

Ler as atas em reuniões e assembleias.

Manter a organização e atualização de arquivo e livros de atas.

Elaborar em conjunto com a diretoria o relatório anual.

Tesoureiro

Assumir a responsabilidade de toda a movimentação financeira (entrada e saída de valores).

Assinar, junto com o presidente, todos os cheques, recibos e balancetes.

Prestar contas, no prazo estabelecido pelo estatuto, à Diretoria e ao Conselho Fiscal e, anualmente, em assembleia geral, aos associados.

Manter os livros contábeis (caixa e tombo) em dia e sem rasuras.

Merendeira

Preparar e servir a merenda escolar.

Cuidar dos utensílios para que estejam em boas condições de higiene e uso.

Saber operar fogões, aparelhos de preparação ou manipulação de gêneros alimentícios, refeições e outros.

Cuidar da limpeza da cozinha.

Zelar pela qualidade da merenda escolar, evitando deterioração dos gêneros alimentícios, bem como comunicar à direção da Unidade de Ensino qualquer irregularidade detectada.

Permanecer no serviço durante o horário de sua jornada de trabalho.

Faxineira

Zelar pela limpeza e conservação de todo o prédio e arredores do espaço escolar.

Responsabilizar-se pela arrumação, conservação e manutenção dos moveis e utensílios da unidade de ensino.

Requisitar e cuidar do material de limpeza e controlar seu uso.

Permanecer no serviço durante o horário de sua jornada de trabalho, executando os trabalhos que lhe forem atribuídos.

Apoio Operacional

Cuidar da limpeza no entorno da escola.

Organizar mutirões de limpeza.

Ajudar os professores nas aulas de campo.

Zelar pelos instrumentos de trabalhos pertencentes a escola.

Permanecer no serviço durante o horário de sua jornada de trabalho.

Atribuições do Presidente do Conselho Escolar

Convocar e presidir reuniões e assembleias.

Administrar, juntamente com o tesoureiro, os recursos financeiros da entidade.

Promover o entrosamento entre os membros da Unidade Executora, acompanhado o desempenho de suas funções.

Vice-presidente do Conselho Escolar

Auxiliar o presidente nas atribuições pertinentes ao cargo e, quando necessário, responder pela Unidade Executora.

Este projeto político pedagógico foi elaborado com a participação de professores, lideranças, pais, alunos e sábios das Aldeias Iriri, Arara, Magarapi e Arumbi.

Professores: Tymbektodem Arara, Tada Arara, Tji'gbat Arara, Tjitpotem Arara

Lideranças, pais, alunos e sábios: Mobu Odo Arara, Iaut Arara, Idomedyk Arara, Tatji'g Arara, Iogo Arara, Typu Arara, Tjagat Arara, Lapi Arara, Pouden Arara, Typtjigorywy Arara,

Tybryby Arara, Tada Arara, Tji'gbat Arara, Tjitpotem Arara, Tyja Arara, Turu Arara, Tjigogu Arara, Toitji Arara, Mortidi Arara, Adidi Arara, Mundeu Arara, Mumodem Arara, Momuru Arara, Pedepa Arara, Maurindek Arara, Pou Arara.

Assessores: Maria Ellen Regina Rocha da Silva, Marineide Oliveira da Silva, Alcimar Silva dos Santos, Maria Raimunda Silva Brito, Maelle Cristina Batista Baldoino, Cecília Maria Nascimento Batista (SEMED Altamira); Eduardo Belezini (Observatório da Educação Escolar Indígena da UFSCar); Isaac Costa de Souza (SIL/ALEM); Francinélia de Paula (SEDUC-PA); Pablo Rodrigues (FUNAI Altamira/FPEMX).

Assessoria Pedagógica: Pollyana Mendonça (Programa de Educação Escolar Indígena do PBA-CI da UHE Belo Monte)

Assessoria linguística: Ana Carolina Alves (Programa de Educação Escolar Indígena do PBA-CI da UHE Belo Monte)

13. REFERÊNCIAS

PINTO, Márnio Teixeira. *IEIPARI: Sacrifício e Vida Social entre os Índios Arara*. Publicação de Tese de Doutorado. São Paulo: Editora Hucitec/Anpocs/Editora UFPR, 1997.

SOUZA, Isaac Costa de. **Etnohistórias dos Ugoro'gmo** – Pequeno Ensaio. Dat. Brasília: ALEM-SIL, 2004.

SOUZA, Isaac Costa de. **Aspectos da Etnohistória dos Ugoro'gmo**. Dat. Brasília: ALEM-SIL, 2015.